



— e um dos mais idosos. Aos 64 anos, já participara dos “saltos” às reduções do Tape (RS), já investira contra o Itatim (MS) e caçara indígenas por todos os arredores de São Paulo. De uma só vez trouxe, de Apucarana (PR), cinco mil Guayaná cativos. Possuía duas enormes fazendas, uma em Parnaíba (SP), outra em Pinheiros (hoje bairro da cidade de São Paulo), nas quais seus escravos plantavam o trigo que o governo comprava para alimentar as tropas em luta contra os holandeses no Nordeste. Nascido dos “mais velhos clãs vicentinos”, filho e neto de pioneiros ilustres, Fernão Dias Pais Leme era um dos homens mais ricos e famosos da São Paulo seiscentista. E um dos mais “piedosos” também: os padres não cansavam de elogiá-lo por ter erguido, à própria custa, o mosteiro de São Bento.

Em 1674, porém, Fernão Dias largou tudo — a mulher enferma, as seis filhas, as fazendas —, vendeu sua prata, seu ouro e seu gado e partiu em busca das “recônditas pedras verdes”. Tinha 66 anos.

A lenda indígena de Sabarabuçu, a serra resplandecente, há muitos anos fazia parte da geografia fantástica que, desde sempre, assombrara os colonos portugueses no Brasil e fizera brotar uma coletânea de notícias fabulosas sobre tesouros opulentos escondidos no sertão. Foi em demanda dela que, orientado “pelas informações dos antigos”, o velho Fernão Dias deixou São Paulo, a 21 de julho de 1674. Partiu com quarenta paulistas e duzentos nativos. Foi uma viagem de danação.

O último suspiro: óleo pintado nas primeiras décadas do século XX recria a morte inglória de Fernão Dias no sertão remoto.



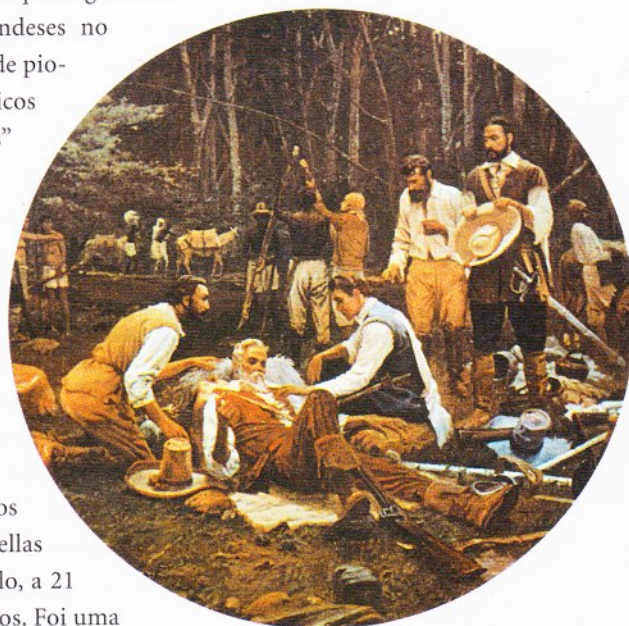


— e um dos mais idosos. Aos 64 anos, já participara dos “saltos” às reduções do Tape (RS), já investira contra o Itatim (MS) e caçara indígenas por todos os arredores de São Paulo. De uma só vez trouxe, de Apucarana (PR), cinco mil Guayaná cativos. Possuía duas enormes fazendas, uma em Parnaíba (SP), outra em Pinheiros (hoje bairro da cidade de São Paulo), nas quais seus escravos plantavam o trigo que o governo comprava para alimentar as tropas em luta contra os holandeses no Nordeste. Nascido dos “mais velhos clãs vicentinos”, filho e neto de pioneiros ilustres, Fernão Dias Pais Leme era um dos homens mais ricos e famosos da São Paulo seiscentista. E um dos mais “piedosos” também: os padres não cansavam de elogiá-lo por ter erguido, à própria custa, o mosteiro de São Bento.

Em 1674, porém, Fernão Dias largou tudo — a mulher enferma, as seis filhas, as fazendas —, vendeu sua prata, seu ouro e seu gado e partiu em busca das “recônditas pedras verdes”. Tinha 66 anos.

A lenda indígena de Sabarabuçu, a serra resplandecente, há muitos anos fazia parte da geografia fantástica que, desde sempre, assombrara os colonos portugueses no Brasil e fizera brotar uma coletânea de notícias fabulosas sobre tesouros opulentos escondidos no sertão. Foi em demanda dela que, orientado “pelas informações dos antigos”, o velho Fernão Dias deixou São Paulo, a 21 de julho de 1674. Partiu com quarenta paulistas e duzentos nativos. Foi uma viagem de danação.

O último suspiro: óleo pintado nas primeiras décadas do século XX recria a morte inglória de Fernão Dias no sertão remoto.





A Guerra dos Bárbaros

Em novembro de 1688, quando seu exército já estava próximo dos Palmares — depois de tenebrosa marcha de dois mil quilômetros, que matou 196 pessoas de fome —, Domingos Jorge Velho recebeu ordens do governador-geral Matias da Cunha para “torcer o caminho”. Deveria se dirigir a toda a pressa ao Rio Grande do Norte para combater a rebelião da tribo Janduí. Em luta contra a expansão das fazendas, os Janduí tinham trucidado mais de cem colonos e cerca de 30 mil cabeças de gado. Era o início da Guerra dos Bárbaros, contra a confederação dos Cariri (já que a ela se juntaram os Payaku, os Caripu, os Ikó, os Karatiú e os Cariri) — um dos mais terríveis conflitos da história do Brasil e um dos menos estudados. Velho, que já exterminara os Xucuru, os Calabaça, os Pimenteiros e os Korema, foi à luta. E não fez prisioneiros: em 1688, Matias da Cunha lhe concedia “todas as glórias de degolar os bárbaros”. Ainda assim, ele não conseguiu terminar com o conflito, que durou até 1713. É que Jorge Velho tinha outra missão: matar o Zumbi. E essa ele cumpriu (leia na página 69).



Por sete longos anos, a bandeira vagou pelos ermos do rio Jequitinhonha e do rio das Velhas. Os meses passavam, as pedras não apareciam, o descontentamento crescia. Endividado com os comerciantes de São Paulo e Parnaíba, Fernão Dias não hesitou em deixar a família na miséria — e mandou vender até “as jóias do adorno de suas próprias filhas”. Quando as deserções começaram, o velho bandeirante reuniu os remanescentes da tropa e anunciou que iria “prosseguir a jornada até morrer e que em seu testamento havia de deixar ordem ao filho que, sob pena de sua maldição, prosseguisse a busca, ainda que fosse só com os seus índios e que nem trouxessem nem mandassem seus ossos a enterrar a povoado, sem que primeiro se descobrissem as esmeraldas”. Quando um motim estourou e Fernão Dias soube que ele era liderado por José Dias Pais, seu filho bastardo, não hesitou em mandar enforcar o jovem mameluco, para espanto e terror do arraial.

Em abril de 1681, pedras verdes surgem da lagoa de Vupabuçu. Aos 73 anos, o velho sertanista se sente aliviado. Envia 147 pedras para serem examinadas em São Paulo. Em maio, devastado pela malária, Fernão Dias morre no sertão do rio das Velhas sem saber que só achara turmalinas.

O Crime sem Castigo de Borba Gato

O caso de Manuel Borba Gato, genro de Fernão Dias e “tenente general do matto”, é exemplar da ambígua relação legal entre o governo colonial e os bandeirantes paulistas. Em 1681, logo após a morte inglória do sogro, Borba Gato permaneceu na região do rio das Velhas, no sudeste de Minas Gerais, disposto a continuar a busca por esmeraldas e ouro. Foi então que, atraído pelo boato das pretensas descobertas de Fernão Dias, chegou àquela região ninguém menos do que dom Rodrigo Castelo Branco, nobre de origem espanhola que recém havia assumido o cargo de administrador-geral das minas (embora, àquela altura, mina alguma houvesse sido descoberta).

Defendendo os interesses da família, Borba Gato de imediato estabeleceu uma relação tensa com Castelo Branco. Quando o confronto entre ambos enfim explodiu, no dia 28 de agosto de 1682, o bandeirante, “arreatado de furor”, teria dado “um violento empuxão” no fiscal do rei, jogando-o do alto de um buraco “ao fundo do qual caiu morto” — de acordo com o relato do historiador paulista Pedro Taques (redigido em 1713, portanto, cerca de 30 anos após aqueles acontecimentos). Escrevendo muito mais tarde, em 1834, o historiador baiano Baltazar da Silva Lisboa tratou de amenizar a versão de Taques, afirmando que dom Rodrigo fora morto “pelos criados de um Manuel da Borba Gato, morador do rio das Velhas”.

De qualquer modo, não restam dúvidas do envolvimento do genro de Fernão Dias naquele crime de lesa-majestade. Não há de ter sido outro o motivo que o levou a se refugiar nos inexplorados sertões do rio Doce, no sudeste de Minas, e lá viver homiziado por quase duas décadas. De fato, de acordo com o relato registrado por um certo Bento Furtado, Borba Gato retirou-se para o coração do misterioso “Reino dos Mapaxó” e lá, por cerca de quinze anos, “viveu barbaramente, sem concurso de sacramento algum, nem comunicação com mais criaturas desse mundo”, além do grupo de indígenas “que domesticou à sua obediência, vivendo entre eles, respeitado como um cacique”. Pesquisas mais atualizadas sugerem que “Mapaxó” eram os nativos hoje conhecidos como Botocudo (cujo território tribal de fato se espalhava pelas cercanias do rio Doce), mas que Borba Gato não teria permanecido tanto tempo sem contato com a civilização, uma vez que, à